

Ensino-aprendizagem e competências em Otorrinolaringologia - Um estudo no curso de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto

Autora:

Palmira Essenje Pintar Kuatoko

Especialista em otorrinolaringologia; Assistente estagiária na Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto
Luanda, 2013

Orientador científico:

Jorge Spratley

Professor auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto – FMUP

Co-Orientador científico:

Matuba Filipe

Professor auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto – FM-UAN

Resumo

Introdução

A educação médica exige melhoria contínua, a fim de acompanhar as novas exigências do século XXI na prática médica em todas as áreas, incluindo a Otorrinolaringologia (ORL). Objetivo

Criar estruturas para a educação médica na unidade curricular de ORL na pré-graduação do curso de medicina da Universidade Agostinho Neto, avaliando os conhecimentos e competências dos médicos na área ORL.

Material e método

Fez-se um estudo descritivo de corte transversal, baseado num questionário dirigido a clínicos gerais, pediatras e internos de especialidade, de hospitais públicos de Luanda e Lubango. Foram calculadas as frequências relativa e absoluta das variáveis qualitativas e as variáveis quantitativas foram apresentadas como média e o desvio padrão. Comparou-se a pontuação entre os diferentes grupos utilizando o teste t-Student para 2 amostras independentes ou a análise de variância (ANOVA). Para avaliar associação linear entre a pontuação e as diferentes variáveis quantitativas (idade e tempo de exercício da profissão) utilizou-se a correlação de Pearson.

Resultados

Verificou-se que os conhecimentos variam por área. Os médicos apresentam maiores conhecimentos sobre respiração oral e laringe e menores conhecimentos sobre nariz e seios perinasais e orofaringe. Os conhecimentos aumentam significativamente com o tempo de exercício da profissão ($r=0.34$, $p=0.003$) e, especificamente, com o tempo de exercício de especialidade ($r=0.49$, $p=0.05$). O género, o local de trabalho, país de formação, categoria profissional não se associaram significativamente com os conhecimentos. As fontes privilegiadas de informação na área de ORL foram congressos, workshops, cursos (50,6%). Por norma, frequentaram 1 a 2 sessões de formação médica contínua no último ano (40,7%) e 3 a 5 sessões (34,65%) nos últimos 5 anos. Porém, (51,9%) dos inquiridos referiram ter muita dificuldade na abordagem de pacientes do foro ORL. Acerca do contributo para o ensino-aprendizagem em ORL na FM-UAN os médicos inquiridos indicam que a carga teórica e prática deve ser semelhante (51,9%), que método de ensino deveria ser seminários (74,1%), que avaliação devia ser realizada através de um exame teórico/prático (67,9%) e que as competências ORL adquiridas durante o curso não foram suficientes para iniciar uma prática clínica ativa (56,8%). Os médicos afirmam não serem capazes de realizar na prática clínica rinoscopia e faringoscopia.

Conclusões

Os médicos incluídos neste estudo mostraram grande dificuldade para abordagem de um paciente do foro ORL e um baixo grau de satisfação em relação às competências ORL adquiridas durante o curso de medicina que não consideram suficientes para iniciar uma prática clínica ativa. Acresce que a maioria deles completou a sua formação de graduação com ex-

periência clínica mínima em Otorrinolaringologia, algo que é merecedor de reflexão.

Palavras-chave:

Otorrinolaringologia, educação médica, ensino-aprendizagem, competências e pré-graduação.